

LUSITANISMO E «HEXA IMPÉRIO» PORTUGUÊS

ENSAIO

«O Império no qual o sol nunca se põe».

Frase frequentemente associada ao Império Português. Que se refere à sua vasta extensão-imensidão e influência global, com a presença portuguesa em diferentes continentes e regiões do mundo.

«Que eu canto o peito ilustre [insigne] lusitano.» (Luís Vaz de Camões, Os Lusíadas, Canto I, Estrofe 3, Verso 5)

Frase que marca a glória e a grandeza do Império Português, através da sua História, da Expansão, Navegações e Descobrimentos, dos seus heróis e do seu Povo, para eterna comemoração, memória e honra, na homenagem do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas em diáspora pelo mundo.

«O Quinto Império, que é de outra ordem». (Fernando Pessoa, «Mensagem»)

O poema sugere-transmite uma mensagem de multi-interpretação: histórica, nacionalista, mística, profética; na sua complexa, intrincada e multifacetada interpretação-significado e sentido, não deixa qualquer dúvida que procura-busca transmitir uma mensagem sobre a alma e o destino portugueses, sobre a Identidade e a História de Portugal. Conceito que evoca uma nova ordem universal, uma «idade de ouro» para a humanidade, liderada por um Portugal «predestinado». Em contexto, a expressão-ideia «Pessoalina» remete para a centralidade de Portugal no mundo, quiçá de interpretação «messiânica» na nova ordem civilizacional global.

Portugal e os meândros históricos, geopolíticos, culturais-linguísticos e civilizacionais do ex-Império Português-Portugalino no mundo.

Nos meândros do tempo, o ex-Império Portugaliano-Camoniano sublimado n'Os Lusíadas de Luís Vaz de Camões (o maior poeta da Língua Portuguesa e um dos maiores poetas da literatura ocidental), estendeu-se por um lapso (do latim, *lapsus*, duração) de tempo de seis (6) séculos, do séc. XV ao séc. XXI, mais precisa, objectiva e concretamente por 587 anos – o «Hexa Império Português» – o «Império dos Seis Séculos» ou «Império Hexa Secular» (novos conceitos).

O Império Português ou Império Colonial Português (conceitos clássicos) ou Hexa Império Lusitano («Hexa Império», novo conceito), foi o primeiro império global da História; mais, é considerado o mais antigo dos impérios coloniais europeus modernos, tendo começado-iniciado com a conquista de Ceuta (costa ocidental africana, com exactidão, Norte de África) em 1415, na demanda gloriosa das Descobertas (Expansão ultramarina e Descobrimentos da lusa terra

e da lusa gente), centúrias de quatrocentos, de quinhentos e de seiscentos, séculos XV, XVI e XVII, com o Infante D. Henrique, seu pai D. João I e seus irmãos (a Íncrita Geração) e gerações seguintes de portugueses, até à devolução da soberania sobre Macau à China, em 1999, e independência oficial de Timor-Leste, em 2002. Mais, o Império Português espalhou-se por um vasto território pluricontinental, indo da Europa (Portugal continental, a cabeça do Império, reino pequeno com uma população aproximada de apenas um milhão de habitantes no século XV, de transcendência única), a África (com destaque para o litoral africano e as proezas de Gil Eanes em 1434, ao ultrapassar o Cabo Bojador, na época o limite-fronteira intransponível entre o mundo conhecido e o desconhecido mar repleto por um *imaginarium* do fantasioso fantástico e perigos, «povoado por lendas e monstros marinhos»; da crucialidade de dobrar o Cabo das Tormentas, depois Cabo da Boa Esperança, por Bartolomeu Dias em 1488, que abriu o caminho para a rota marítima para a Índia, e o advento de um novo comércio intercontinental, e expansionismo-conhecimento geográfico, cultural e civilizacional global), à Ásia (Vasco da Gama, chegada a Calecute em 1498, e o desbravar-navegar abrindo um caminho directo entre a Europa e a Índia, com a Rota do Cabo; a conquista de Goa, 1510, e de Malaca, 1511) e América do Sul (subcontinente, Pedro Álvares Cabral, Brasil, 1500). Mais, a vastidão territorial faz parte hoje, presentemente, séc. XXI, 3.º milénio d.C., de dezenas e dezenas de países-territórios diferentes (53, em 195 r.i.ONU), com factor multiplicante, arquipélagos, ilhas, com fundação de cidades, assentamentos, feitorias (entrepostos comerciais, empórios), fortalezas-fortes, padrões, luso-presença-comércio, marca-domínio civilizacional e centenas de milhões de pessoas a falar e comunicar em português. Mais, Portugal foi o último grande império global a alienar-descolonizar os seus territórios-colónias (na sequência-consequência da Revolução dos Cravos do 25 de Abril de 1974, que pôs fim à ditadura salazarista/marcelista de 48 anos e trouxe a liberdade e a democracia). Mais, Portugal nunca, jamais em tempo algum, se auto-intitulou, se auto-denominou oficialmente, de prerrogativa-jurisdição de Estado, quer durante o regime monárquico quer durante o regime republicano, como um «Império». Isto apesar de termos sido – Portugal foi – a mais vanguardista e avançada potência marítima do século XV.

Vamos neste ensaio-estudo (aqui, versão ultra concisa; texto completo, versão completa, integral, publicado Academia, blogues e outros) relembrar a dimensão nacional-mundial do ex-Império de Portugal: historicamente, politicamente, geograficamente, culturalmente, linguisticamente, literariamente, de sentimentalidade e axiologia, civilizacionalmente. Onde, o realçar em evidência agrupando, das dimensões histórico-literária, político-geográfica (geopolítica), valorativo-cultural e linguística-civilizacional da Lusofonia e Portugalidade planetária presentes. Mais, vamos destacar-falar da glória-deslumbre do «Império» e do lamento-nostalgia da decadência imperial, com Camões e Pessoa, num arrepio de sentimento da Alma Nacional e estremecimento

Lusitano-emocional – doc. incursão memo-histórica – em nome de Portugal – no «Dia de Portugal».

As palavras escritas a maiúsculas e entre aspas, e compostas-ligadas por hífen no texto, visam o objectivo de dupla leitura-realce e de ênfase-significado sublinhado. Este é um texto explícita, assumida e marcadamente nacionalista, categórica e inequivocamente de afirmação-pendor da Identidade Portuguesa, da Língua Camoniana, de patriotismo e lealdade à Pátria, de celebração da Nacionalidade Lusíada, valores plasmados na História, na Cultura e na Civilização Hexa Imperial Secular Portuguesa «*urbi et orbi*» ancorada.

Vamos também aflorar-elencar outros nomes, em carrossel dialéctico, que igualmente contribuíram-escreveram criticamente com o seu pensamento intelectual, considerações e referências, obras e relatos, sobre a memória, o orgulho e a honra, a História, a civilização, a *mundi hereditatem* (herança-mundo) e a Identidade nacionais; que tratam os «Descobrimientos» facto, figurado, metáfora e alusão sob diferentes perspectivas, explícita e implícita, directa e indirectamente, com a narrativa de viagens e aventuras, e a análise da historiografia sobre o tema: dos crono-anais, da cultura e do Legado do Império Português. Autores-escretores portugueses, figuras icásticas – de captura da essência – da literatura e da narrativa literária nacional, como Almeida Garrett, Eça de Queiroz, Camilo Castelo Branco, Miguel Torga, José Saramago, o cronista João de Barros (c.1496-1570), o detalhe, «Décadas da Ásia», publicadas 1552-1615; historiadores como António Sérgio (um dos pioneiros da historiografia sobre os Descobrimientos, com uma abordagem crítica e renovada), Jaime Cortesão, Quirino da Fonseca, Duarte Leite, Gago Coutinho e Armando Cortesão (historiadores que deram o seu contributo para a compreensão e interpretação da história dos Descobrimientos). Ana Maria Magalhães, Isabel Alçada e Luís Albuquerque, autores de obras de ficção e não ficção que abordam as Descobertas de forma instrutiva e pedagógico-educacional. Estêvão da Gama, Capitão de navegação e os seus relatos de viagem. E mais, mais actores e autores-perspectivas das Navegações-Expansão: Diogo Cão (Diogo Cão e a chegada à foz do rio Zaire, hoje rio Congo, 1482, catarata de Ielala, sinalética-Padrão (da importância, o facto de ter descoberto um novo reino, o Reino do Congo, o estabelecimento de relações diplomáticas e a descoberta de um novo caminho para a exploração africana, expandindo os portugueses o seu-nosso conhecimento sobre a África Ocidental; relações comerciais e cristianização; e mais, Diogo Cão criou o *habitus* do uso de padrões de pedra para marcar-assinalar a presença portuguesa nas novas terras descobertas, em substituição das cruces de madeira, e em reivindicação dos novos territórios para a Coroa Portuguesa); António de Abreu (especula-se que possa ter descoberto a Austrália, das evidências, 100 anos antes), Francisco de Almeida, Afonso de Albuquerque (primeiros Vice-rei da Índia), São Francisco Xavier, Cristóvão da Gama, Gomes Eanes de Zurara (c.1410-1474) – um

membro do Conselho do Infante D. Henrique, séc. XV, reinado de D. Afonso V, cronista da corte, com a «Crónica dos Feitos da Guiné», um documento histórico fundamental sobre as explorações e conquistas portuguesas na costa ocidental africana, em particular na região da Guiné; Zurara, crónica portuguesa, escrita entre 1452-1453 e reformado-refundida em 1460, documento coevo, que relata as expedições lusas para lá do Cabo Bojador, crónica-relato e narrativa à época, doc. coetâneo, considerado de extrema importância para a compreensão da época dos Descobrimientos Portugueses – e mais: Fernão Lopes de Castanheda (c.1500-1559), «História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses», (publicada em partes, 1551-1561), historiador que documentou os feitos portugueses na Índia, com base-facto em testemunhos directos e documentos oficiais; Gaspar Correia (c.1496-1563), «Lendas da Índia», publicada postumamente, 1858; Duarte Pacheco Pereira, (c.1460-1533), foi navegador e geógrafo, escreveu sobre as rotas marítimas e os novos conhecimentos das Descobertas, mais escreveu a obra «*Esmeraldo de Situ Orbis*» (“Esmeralda Sobre o Lugar do Mundo”, roteiro sobre a circunavegação africana, incompleto), escrito por volta de 1505-1508, mas com publicação tardia, já no século XIX (Academia Portuguesa da História, 1892); António Galvão (c.1490-1557), escreveu o «Tratado dos Descobrimientos», compilação de uma história detalhada das explorações marítimas portuguesas e espanholas até ao seu tempo, publicado em 1563; Fernão Mendes Pinto (c. 1509-1583), escreveu «A Peregrinação» entre 1569-1578, publicada postumamente em 1614, 31 anos após a sua morte, é uma obra de viagem que narra as aventuras do autor-viajante, explorador e aventureiro pelo Oriente na época dos Descobrimientos, que faz-dá testemunho da acção dos portugueses, incluindo a China e o Japão, contando experiências, viagens, prisões e escravidão, com partes de alegado relato fantasioso, mas que é considerada e valorizada pela sua importância de fonte histórica e literária clássica das viagens dos portugueses pelo Oriente; Pe. António Vieira (c.1608-1697), jesuíta, pregador missionário no Brasil, escritor, orador e diplomata português, é conhecido como o criador-promotor da ideia e utopia global do «Quinto Império», uma crença num futuro domínio português à escala global-universal, com Portugal predestinado a ter a missão-destino de unir o mundo em paz e justiça através da religião-fé católica, sendo que Vieira foi um homem religioso, político, visionário e orador-pregador de excelência hiperbolizante, que acreditava na herança-fado universalista de Portugal, liderante de um Império territorial e espiritual, sendo o Quinto Império de inspiração-previsão profética, que embora não se tenha materializado acontecendo, continua a influenciar o sonho, a literatura e o pensamento português, sendo um tema recorrente na história das ideias em Portugal. Numa miríade de navegadores, conquistadores, pregadores e missionários-evangelistas, exploradores-colonizadores que estiveram directamente envolvidos na «grande aventura marítima de além-mar» com as suas próprias histórias, testemunho pessoal e contribuições de olhar-filtro contextualizado.

E mais, nas intermitências do tempo passado-presente, do geracional dialéctico, a omnipresença do fio condutor da História de Portugal, do latejar do Império que nos identifica e mundializa, plurissecular, de reconhecimento da Portugalidade. António Baião, Hernâni Cidade e Manuel Múrias (<https://livrariaultramarina.pt>, Livraria Ultramarina, História da Expansão Portuguesa no Mundo) autores que, com e como tantos outros, contribuíram para a pesquisa e análise da historiografia das Descobertas. Onde, ficar a ilacção de que a ideia-presença dos Descobrimientos-Império faz parte da natureza e do imaginário colectivo nacional, da idiosincrasia arreigada na Alma Lusa, de enraizamento no pulsar português, com sentido nacionalista e orgulhosos da Identidade do passado-presente revisitado.

«Cessem [a fama] do sábio Grego [Ulisses] e do Troiano [Eneias]

As navegações grandes que fizeram,

Cale-se de Alexandre [Magno] e de Trajano [imperador romano]

A fama das vitórias que tiveram;

Que [porque] eu canto o peito ilustre Lusitano,

A quem Neptuno [deus do mar] e Marte [deus da guerra] obedeceram.

Cesse tudo o que a Musa [Calíope, musa da poesia épica] antiga canta,

Que [porque] outro valor mais alto se alevanta.»

(Camões, Os Lusíadas, Canto I, Estrofe 3, Versos 1-8)

Camões, inspirado e grandíloquo (discurso grandiloquente, de estilo rebuscado, elevado e sublime, de grande eloquência-magnificência e aparato-impacto literário), nesta passagem d'Os Lusíadas exalta os feitos de transcendência humana dos Portugueses, colocando-os, colocando-nos acima dos heróis da Antiguidade Clássica (greco-romana). Celebra a glória-brilho do Império Português através da Expansão marítima-ultramarina e das Descobertas-conquistas, destacando os feitos do Povo-herói e da grandeza ímpar da Nação Portuguesa.

Sendo este um exemplo de celebração da Expansão Portuguesa, dos Descobrimientos pelos mares e oceanos, e da conquista de novas terras para o Reino de Portugal. Em sinopse «Camoniana-Lusiadiana», encarnando o espírito autoral da obra, em epítome fica a ideia do «Império eterno consagrado, da Fé cristã disseminada e bem firmada, das conquistas-extensão celebro-afamadas».

Do elogio ao rei D. Sebastião pela grandeza-grandiosidade e brilho tal do Império Português, «que o sol nascendo vê primeiro». (Camões, *op. cit.*, C.I, Est.8, V.2).

Reflectindo agora sobre a lamentação de Camões, em análise verificada do poema épico, verificamos os queixumes-tristeza e desilusão pela indiferença e falta de atenção à sua obra e que «ninguém a sua voz muito escute». Vestindo de novo a alma Camoniana, em epílogo sentido e sentimento emocional pulsionante, figurado-interpretado, «ó Pátria minha, ó meu reino, ó meu sangue, vê que o meu canto é voz que só se enrouquece».

Camões, em sofrimento da alma lusitana, em lamentação sofrida, em queixumes e clamor gemidos, escreve-fala da decadência do Reino de Portugal e da desvalorização da sua obra. Donde, «a glória passou, o Império já não é»; significando esta expressão, que não é uma citação directa mas uma ideia inferida, uma reflexão-conclusão de sensação de perda e lamento associado ao fim do Império Português. Contextualizando, o pranto sobre o fim do Império pode ser interpretado como um sentimento de tristeza pela perda de um Legado histórico único, de influência global e de uma Identidade e História construída(s) ao longo de séculos, hexa secular, inter-geracional, cultural-axiológico-valorativa, e Lusitanismo idiossincrático em negação-privação.

Por último, aquela que consideramos ser a ideia-síntese resultante-interpretada, de glorificação-lamentação acerca do Império Português, n'Os Lusíadas: «De Europa toda, o reino lusitano, onde a terra se acaba e o mar começa», que celebra genialmente, magistralmente, a importância de Portugal como reino-país que liga a Europa ao mar (oceano Atlântico), destacando a sua-nossa posição geográfica e a sua-nossa capacidade de se/nos aventurar(mos) além-mar. Vivência corroída pela sensação-tristeza da «terra que se acaba», da perda geopolítica e experiência figurada do fim, do luto do devir-mudança, da idiossincrasia imperial em decadência-transição, e premonição futura de ruína-desaparecimento.

Donde, Camões n'Os Lusíadas, poema épico, legar ao mundo os grandes feitos dos navegadores portugueses em direcção à Índia, feito nacional lusitano sublimado e transcendente, igualado às façanhas dos heróis da Antiguidade Clássica (Hércules, Aquiles, Ulisses, Teseu, etc.) e à influência cultural e civilizacional greco-romana.

Os heróis n'Os Lusíadas são individuais e de colectividade – o Povo Português–

Sendo que «Os Lusíadas» de Luís Vaz de Camões ombreiam com a «Ilíada» e a «Odisseia» de Homero (poeta da Grécia Antiga, século VIII a.C.) e a «Eneida» de Virgílio (poeta italiano, século I a.C., 70-19 a.C.). Quatro mega-poemas épicos incontornáveis e intemporais da literatura clássica ocidental.

Também Fernando Pessoa, um dos maiores vultos da cultura portuguesa e um dos maiores poetas do século XX, na sua multidimensionalidade polifacética

abordou a temática do Império Português, a sua glória e declínio, de diversas formas, através dos seus heterónimos, expressas multifacetadamente por diferentes vozes poéticas;

Quanto ao orgulho nacional e lamento pelo fim do Império, é mais evidente no próprio Fernando Pessoa e em Álvaro de Campos; historiando ensaisticamente:

– Fernando Pessoa; ortónimo, nome real do próprio Pessoa, escritor, ele mesmo. No poema «Mar Português» d'A Mensagem, Pessoa expressa a grandiosidade da época dos Descobrimentos Portugueses, mas também insinua o sofrimento e o sacrifício que sustentaram esta época dourada da nossa História. O famoso verso «valeu a pena? Tudo vale a pena / se a alma não é pequena», questiona o preço da glória imperial e aponta-sugere uma meditação-reflexão sobre o seu legado histórico. Escreveu extensivamente sobre as Descobertas e explora o conceito do «Quinto Império», visão mística do destino de Portugal. A «Mensagem» é considerada uma das maiores reflexões poéticas sobre o papel histórico de Portugal e a era dourada das explorações marítimas.

Intelectualmente, não resistimos a deixar aqui o poema-comentário ao «Mar Português», da «Mensagem» de Fernando Pessoa.

Citando:

«Ó mar salgado, quanto do teu sal

São lágrimas de Portugal!

Por te cruzarmos, quantas mães choraram,

Quantos filhos em vão rezaram!

Quantas noivas ficaram por casar

Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena

Se a alma não é pequena.

Quem passar além do Bojador

Tem que passar além da dor.

Deus ao mar o perigo e o abismo deu.

Mas nele é que espelhou o céu.

(Fernando Pessoa, A Mensagem, Mar Português)

O herói deste poema é colectivo, é o Povo Português – tal como em Camões – pois apesar de tantos sacrifícios e tanta dor, os Portugueses continuaram e «conquistaram» o mar oceânico.

Pessoa, o Fernando, teve uma forte ligação com a ideia de «Quinto Império», uma crença messiânica que o escritor desenvolveu ao longo da sua obra, especialmente n'A Mensagem. Para Fernando Pessoa, o «Quinto Império» não era visto-idealizado apenas como um império territorial, mas como um império cultural e civilizacional, com conexão central à sua visão da História de Portugal e à sua concepção da missão portuguesa no mundo – o «Quinto Império» Pessoalino remete-nos para a ideia do papel cêntrico-primordial de Portugal na História do Mundo, uma civilização superior, com uma nova ordem mundial, sob a liderança de Portugal, guiando a Humanidade para um futuro melhor. Mais, para Pessoa, o «Quinto Império» estava ligado ao passado glorioso de Portugal, às suas-nossas conquistas marítimas e à sua-nossa influência-*mundi*, sendo Portugal um exemplo para o mundo. O «Quinto Império», mais que uma massa territorial imensa, com fronteiras e ferrolhos, em abstracção seria um império das ideias, valores e axiologia, cultural e civilizacional, um farol-luz e guia para a Humanidade – também o Pe. António Vieira, Joel Serrão e António Quadros abordaram a temática do «Quinto Império», explorando a relação entre a literatura, a História e a visão mística-sebastiânica de Portugal Líder – de feito-impacto significativo na História Global – e expectativa messiânica salvífica.

A «Mensagem», como manifestação, é o culminar desta visão de Fernando Pessoa que, em 1923, na entrevista a Alves Martins, afirmou que o «Quinto Império» é o «futuro da raça portuguesa», reforçando a sua crença nessa visão e visiva conspectiva messiânica – de crença-esperança e expectativa de um futuro melhor, ideal e idealizado, livre de problemas e de sofrimento, de transformação da História e de um novo estado de, e das coisas; predestinação e papel predestinado (fatalidade e destino) que caberia a Portugal, Portugal Estado e Portugal Nação – de assumpção de Portugal, da História de Portugal, da Portugalidade-Portugalismo e da Identidade Portuguesa-Portugalina globalizada.

Donde, é importante notar e fazer notar que a obra de Fernando Pessoa é riquíssima em nuances, nas diferenças ténues, pormenores, particularidades e minúcias subtis, que exigem muita atenção para serem percebidas e interpretadas. A sua visão do Império Português é complexa e multifacetada, reflectindo tanto o orgulho nacional quanto a crítica à exploração e à violência inerentes ao processo de colonização. Pessoa, na abordagem ao colonialismo português, a sua crítica não é directa e explícita, mas estando presente em diversos momentos da sua obra, ao questionar a legitimidade do sistema colonial e a ideologia que estava por detrás e a sustentava, e problematizando sobre as consequências culturais, exploração económica, históricas e de identidade. Em «A Pretensa Escravatura em São Tomé», Pessoa disserta-argumenta da

legitimidade da escravatura nas colónias portuguesas, com a sua crítica a contemplar a própria natureza da relação colonial. Através dos seus heterónimos, questiona a ideia da «missão civilizadora» e da superioridade europeia, da inferioridade dos povos colonizados (africanos) e da justificação do colonialismo.

Fernando Pessoa, ortónimo e heterónimos, o pulsar e intermitências intelectuais de um todo constituído por partes, na pessoa humana que é Pessoa. Abordou com frequência a temática do Império Português, com relevância nas suas obras heterónimas, caso do «Livro do Desassossego» (do heterónimo Bernardo Soares), com as suas reflexões sobre a Identidade Nacional e o Legado Português Hexa Secular – «Minha Pátria é a Língua Portuguesa» – que expressa um sentimento de pertença identitária e de transcendência geográfica da Pátria.

Metafórica e figurativamente, feita a catarse-purgação da glorificação e lamento da «Síndrome do Império», vamos agora demonstrar a vastidão-globalidade do Império Português, que foi um dos maiores impérios coloniais da História, sendo que ao longo de quase seiscentos (600 anos) vários territórios e contactos terrestres e marítimos fizeram parte do Império, em diferentes períodos da História, acontecendo. Repetimos, porque importa repetir, que o antigo Império Luso-Portugalino foi dos mais vastos, longevos e globais da História do Mundo; teve e tem influência cultural, linguística, civilizacional, com vestígios arquitectónicos e de presença-Padrão em vários países-territórios ao redor do mundo, contabilizando mais que muitas e tantas referências, maiores e menores.

Se é facto de destaque o Brasil, Angola-Cabinda, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste, Goa, Damão e Diu (partes da Índia) e Macau (agora Região Administrativa Especial da China); além dessas terras, também houve possessões outras, menores e maiores, postos e entrepostos comerciais em diversas regiões, de Presença Portuguesa mais limitada/demorada, tais como: partes do Oriente Médio (como Mascate), África (Guiné Equatorial, através da ilha de Ano Bom), Ásia, onde se destacam alguns pontos em Ceilão (actual Sri Lanka) e Malaca (agora parte da Malásia). Mais, se considerarmos as influências e os contactos comerciais, incluindo as feitorias (postos comerciais fortificados, localizadas em zonas costeiras), estabelecimentos e assentamentos, o número aumenta exponencialmente, multiplicando por dezenas.

O «Império», que se baseava no comércio e em torno de colónias extractivas, e especificamente na comercialização de produtos-bens orientais como: especiarias, ouro, açúcar, diamantes, cacau, gado e tabaco, marfim, seda, porcelanas, escravos entre outros, e que alimentava a economia nacional, entrou em decadência-fim, desmoronando a partir de 1961, com a invasão indiana, da União Indiana, de Goa, Damão e Diu, e com as revoltas em África, em Angola, Moçambique e Guiné-Bissau; seguiu-se a guerra colonial de 1961 a 1974, a qual

culminou na Revolução do 25 de Abril de 1974 e levou ao *terminus* do conflito com as colónias e à independência das mesmas.

Coragem e grandeza humana e heróica não faltaram aos Portugueses, não foi à falta de transcendência da Pátria, antes da declinação-declínio-fim final Imperial.

Recapitulando, Portugal (pioneirismo) esteve na vanguarda do comércio à escala mundial, das novas rotas do comércio intercontinental nos séculos XV e XVI, juntamente com a Espanha. A descoberta do caminho marítimo para a Índia, a descoberta de novos continentes-Novo Mundo (Américas), a descoberta do Brasil, a abertura de novas rotas marítimas e comerciais, levaram à mundialização da economia, ou seja, ao desenvolvimento do comércio à escala global; isto é, deu-se-houve uma revolução comercial que teve como consequência a passagem do centro do mundo do Mediterrâneo para o Atlântico. Sendo que a Rota do Cabo passou a fazer a ligação da Europa à Ásia, realidade factual que por arrastamento provocou a decadência do Levante e da Rota da Seda. Foi o tempo de afirmação das rotas atlânticas, com a Rota dos Escravos e a Rota do Comércio Triangular entre os continentes europeu, africano e americano. Portugal e Espanha detinham o monopólio comercial dos produtos orientais e americanos (Castela, ouro e prata). Mais, Lisboa e Sevilha tornaram-se os principais centros económicos da Europa nos séculos XV e XVI. Portugal-Lisboa eram os detentores do comércio-monopólio das especiarias do Oriente e do açúcar do Brasil – o comércio imperial português ligava Europa, África, Ásia e América –

Passamos agora o nosso foco final sobre o ex-Império Colonial de Portugal, centrando a dissertação no âmbito da abordagem fatalista do fado, do destino, da saudade e do imaginário português-portugalino, vectores-factores de catártica purificação axiológico-valorativa que são parte integrante da História e da Identidade Cultural e Civilizacional Portuguesa.

É o remate-síntese desenvolvido do ensaio, em dimensão matizada deste texto sobre a Pátria-Mãe Portugal, do mais íntimo e nobre sentimento de ligação do Povo Português – da Alma Portuguesa – com o rectângulo-terra que criou raízes pelo mundo, a Portugalidade-Portugalina.

Como intróito ao início final do nosso ensaio, deixamos aqui uma breve citação de Fernando Pessoa que, no nosso entendimento, tem tudo a ver com o hexa (do grego, héks, que significa seis – 6 – séculos) do Império Colonial Português:

– «Uns governam o mundo, outros são o mundo.» (Fernando Pessoa, O Livro do Desassossego).

Portugal e o seu Império foram ambos, durante muito tempo, por séculos. Fomos e somos o Portugalismo-Portugalidade afirmante no Mundo, sendo a Língua Portuguesa planetária, a quarta – 4ª – língua materna mais falada na Terra, logo atrás do mandarim, do inglês e do espanhol. Em 2025, comunidades de falantes,

oficialmente estima-se que mais de 270 milhões de pessoas falam português em todo o mundo. A Língua Portuguesa é falada em cinco continentes e é a língua oficial de nove países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa – CPLP – criada em 17 de Julho de 1996, em Lisboa.

Estados-membro: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste (localizado no sudeste asiático, é considerado um país da Oceânia devido à proximidade com a Austrália e influência cultural; geo-transição Ásia-Oceânia).

Macau, embora não faça parte da CPLP, a Língua Portuguesa é uma das línguas oficiais do território macaense.

Continentes: Europa, África, América (do Norte e do Sul, subcontinentes do continente americano), Ásia e Oceânia.

Universo populacional da CPLP, mais Macau, Goa, Damão e Diu, «referenciais imperiais», estudo de caso, dados de 2025, até ao final do ano, projecções e estimativas, a apontarem para aproximadamente 308 milhões de pessoas-habitantes, sendo que a esmagadora maioria fala e comunica em Português. Apesar do português como língua oficial, conviver com outras línguas nativas e dialectos locais no espaço da Lusofonia, parece-nos deflacionado o número das estimativas oficiais dos falantes da Língua Portuguesa, que acreditamos ser bem mais superior que os mais de «270» milhões.

Actualmente, o Império Português não existe mais como entidade política, administrativa, de soberania de Estado. O Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, celebrado anualmente a 10 de Junho é uma oportunidade única para revisitar a memória e a História do Império Colonial Português, e da *Portugália* civilizacional.

Revisitar a memória imperial implica uma viagem no tempo, no espaço e na História do Mundo e, significa ainda, estabelecer uma relação entre o fado, o destino, a saudade e o imaginário português, elementos que estão intrinsecamente ligados à Identidade Cultural e Civilizacional Portuguesa e à forma como os portugueses lidam com o seu-nosso passado imperial.

A palavra «fado» também significa «destino» em português. Sugerindo uma aceitação-predestinação fatalista da História. Sendo que o conceito de «destino» está ligado à ideia de que Portugal teve um papel «predestinado» na História do Mundo, de realização-plenitude através do seu Império, com os Descobrimientos Portugueses – Era da Expansão, das Descobertas e das Grandes Navegações-*mundi*, de afirmação comercial global, entre os séculos XV, XVI e XVII – com o século XV a marcar o início da Expansão marítima Portuguesa, com o desenvolvimento da navegação atlântica e a exploração da costa africana. No século XVI Portugal estabeleceu um vasto Império colonial-territorial, com presença marcante em África (sobretudo na costa ocidental africana, com

feitorias e instalações comerciais e militares, mas também com incursões para o interior e, posteriormente para leste do continente, com a conquista de pontos estratégicos no comércio no Índico), na Ásia (Índia, Malásia, Japão, China, na qual estabeleceu um entreposto comercial em Macau em 1557, facto crucial para a entrada da civilização ocidental na China e para a criação de um importante centro comercial que ligava a China ao restante mundo, sendo Jorge Álvares, explorador português, em 1513, o primeiro português e o primeiro europeu a aportar à China por via marítima, e a visitar o território que hoje é Hong Kong), e no Novo Mundo – América do Sul (Brasil; ouro, diamantes e produção açucareira, de cana) – no século XVII o Império Português viu a sua supremacia e dominância ameaçadas, com a intensificação e tentativas de não consolidação de novas colónias e enfraquecimento da presença-primazia do comércio liderado por Portugal à escala global, devido às dificuldades-facto da concorrência de outras potências que entretanto emergiram, como a Holanda e a Inglaterra, com particular incidência na Índia e no comércio asiático, o que comprometia muito seriamente a presença e a hegemonia portuguesa na região. Outro factor de instabilidade que levou ao declínio-desgaste de Portugal e do Império foi a Guerra da Restauração da Independência Nacional contra a Espanha-Castela (1640-1668).

Portugal inaugurou, à época, a Era das Descobertas Europeias, sendo responsável por importantes avanços da tecnologia e ciência náutica, cartografia (mapas e representações gráficas do espaço geográfico) e astronomia, e desenvolvendo ainda os primeiros navios com capacidade de navegação em alto-mar (mar-aberto) em segurança, partindo do oceano Atlântico e dar novos mundos ao mundo. «Novos mundos ao mundo irão [os Portugueses] mostrando». (Camões, Os Lusíadas, Canto II, Estrofe 45, Verso 8)

Na História Mundial, o Legado de Portugal e do Império Português são/É Impactante(s). A Era da Expansão e Descobrimientos marcou e transformou a Europa e o Mundo. Sendo que Portugal desempenhou um papel fundamental-maior na «expansibilidade» global, estabelecendo rotas comerciais e colónias em diversas partes do mundo. A presença-acção portuguesa deixou um Legado cultural, histórico, arquitectónico, axiológico, religioso (cristão-católico), nas tradições e nos costumes, na estrutura social, na economia ex-colonial, na idiossincrasia, língua-linguística, civilizacional e identitária em diferentes regiões do globo terrestre que, aproximadamente 600 anos depois, permanece.

O Império Colonial Português não existe mais, tendo Portugal concluído o seu processo de descolonização com a entrega de Macau à China, a 20 de Dezembro de 1999, e independência oficial de Timor-Leste, a 20 de Maio de 2002, terminando assim o seu domínio colonial e a Era do Império. Restam-ficaram apenas as Regiões Autónomas da Madeira e dos Açores. Sendo que Portugal foi a primeira potência europeia a estabelecer colónias, em África, e a última a descolonizar, na Ásia, já no século XXI.

Como nota, esclarecer o facto de que a descolonização em África ocorreu logo após a Revolução do 25 de Abril de 1974. Na sequência-consequência da Revolução dos Cravos, as colónias africanas tornaram-se independentes entre 1974 (excepção, caso da Guiné-Bissau, que já tinha declarado unilateralmente a independência em 1973; reconhecida pela comunidade internacional, mas só oficializado por Portugal em 1974) e 1975 (Angola, Moçambique, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe).

Na Ásia, também Timor-Leste declarou a sua independência de Portugal em 28 de Novembro de 1975, através da FRETILIN, facto político que não foi reconhecido por Portugal, devido à realidade política de uma hipotética invasão por parte da Indonésia, facto político-militar que acabou por acontecer a 7 de Dezembro de 1975 pelas forças armadas da Indonésia, quando os militares portugueses já tinham abandonado Díli, e ficando os timorenses sob o jugo indonésio até 2002. Com o massacre do cemitério de Santa Cruz, a 12 de Novembro de 1999 (na sequência do Referendo ONU de independência de 30 de Agosto de 1999), Timor-Leste voltou a estar no radar da cena internacional e a ter a atenção do mundo, o que levou à Declaração de Independência (desta vez definitiva), em 20 de Maio de 2002 – tendo estado os timorenses anexados pelos indonésios 27 anos, de 1975 a 2002 – período de resistência do povo timorense e de intervenção luso-internacional condenatória, de desiderato final dando lugar à República Democrática de Timor-Leste.

Voltando à «predestinação» entre a História e o Império, há uma tensão dialéctica entre a grandeza do destino do *imperium* passado, que é passado, e a(s) realidade(s) do presente-futuro pós-colonial – tese-diálogo retórico-síntese-recapitulação – Portugalismo-Lusitanismo.

E voltamos ao fado, ao tom melancólico do fado-tristeza, à introspecção-reflexão da alma lusitana, à saudade-nostalgia pelo passado imperial e a aceitação de um destino, de um porvir de declínio e decadência (do latim, *decadentia*, do que não é mais).

E voltamos à saudade, um sentimento muito nosso, muito português, complexo, de complexidade nostálgico-melancólica associada à memória do Império perdido, do *status* imperial que não é mais e da transição-realidade para uma identidade nacional pós-descolonização. Que aliás, se manifesta na cultura popular, na literatura, nas artes, em vivências axiológicas de forma a manter viva a memória histórica do glorioso passado nacional, de glória *mundus*.

E voltando ao imaginário português, verificamos que o Império não morreu, não; continua a pulsar no imaginário individual e colectivo nacional português-portugalino em catarsia espiritual-alma.

Falamos da romantização da Era dos Descobrimentos, do período-*tempus* imperial, idealizado e idealizando, sublimado e sublimando, e obscurecendo

aspectos negativos do colonialismo – o ego e o nacionalismo falam, a História está Viva – É! O mito do «bom colonizador» persiste em parte do *imaginarium*, em negação-contraste com visões detractoras e críticas do passado colonial.

E na volta, voltando, revisitando a «Memória do Império» há um processo em *continuum* de reavaliação do passado imperial pelo Portugal contemporâneo, de pequenez política e não referencial, remetido da vocação global para a vocação europeia de pequeno país do extremo Sul da Europa. Com debates sobre como lidar com os símbolos e simbologia nacional, museus e monumentos coloniais, do «desvario das reparações da guerra colonial» e *delirium tremens* wokista, em exercício de revisão da História e da memória histórica nacional-imperial, com vivências tensionais na sociedade portuguesa entre a glória e o orgulho nacionais pelo nosso passado histórico grandioso e uma *mea-culpa* (des)colonizante. O positivo e o negativo conflitantes na arena confrontacional da consciência portuguesa-portugaliana, do contraditório com influências-reticências que continuam a moldar a memória do Império e a Identidade Nacional Portuguesa; mesmo havendo um esforço de reconciliação de saudosismo e modernidade, e de transição do passado com identidade imperial global para uma identidade nacional-sdds (saudosista), agora de índole-cariz-matriz europeia moderno-contemporânea.

E nas voltas-volta do voltar do revisionismo histórico-imperial, a Língua de Camões, a Língua Portuguesa, espalhada pelo mundo graças ao Império, um-o Legado vivo, falado, conectado com a Casa-Mãe, com a Metrópole, com Portugal-Lisboa – e a saudade que foi e que era e que ficou – regresso-retornou.

A Língua Lusíada na vida das pessoas humanas da Portugalidade, da Identidade e da Idiossincrasia Portuguesa, na literatura, no cinema, na música, nas artes, mesclando o Império, o fado, o destino, a saudade, a *Portugália* Personalidade – a forma latina para Portugal, que vem do latim *Portucale* – e eventos como a Expo 98 em Lisboa e a reinterpretação do passado marítimo e colonial em formatização contemporânea, em díade dialéctica passado-presente e incursão retro-vintage – no caso e para o caso, falamos da «Exposição do Mundo Português» de 1940 – de contexto histórico, realizada durante o Estado Novo, em plena Ditadura, sob o governo de António de Oliveira Salazar, Presidente do Conselho; acontecimento-Exposição que aconteceu-coincidiu com as Comemorações do duplo centenário: 800 anos da fundação de Portugal (1140) e 300 anos da Restauração da Independência (1640).

Atentando nos objectivos da «Exposição do Mundo Português» foram: celebrar-destacar-propagandear «O Mundo Português», a História de Portugal e as conquistas do Império Português; a promoção-afirmação do nacionalismo-pátrio e do orgulho patriótico; mostrar ao mundo a grandeza de Portugal e das suas colónias; legitimar o regime do Estado Novo.

Mais, a «Exposição de 1940» teve como pavilhões temáticos: o Pavilhão da Fundação de Portugal; o Pavilhão da Formação e Conquista; o Pavilhão da Independência; o Pavilhão dos Descobrimientos; o Pavilhão da Colonização; o Pavilhão dos Portugueses no Mundo – a Portugalidade – o Portugalismo –

Mais, teve como monumentos e atracções: o Padrão (que simboliza uma caravela) dos Descobrimientos em Belém; a Esfera dos Descobrimientos (com o zodíaco, a faixa imaginária do firmamento celeste); uma réplica de uma nau do século XVI; aldeias-palhotas indígenas das colónias portuguesas; também foram trazidas-exibidas pessoas autóctones das possessões portuguesas em África; mais, a esfera armilar, como símbolo da Expansão e das Navegações Portuguesas, celebrava a História e as conquistas nacionais, para notória notoriedade internacional; mais, a «Soberania», uma gigantesca figura alegórica, concebida por Leopoldo de Almeida, também segurava uma esfera armilar – foco de exibição do Império e do regime.

Mais, como Legado-impacto, além dos eventos culturais e palavreado protocolar político de circunstância, houve exposições de arte, a música, o folclore, e ficou uma infra-estrutura permanente – Museu de Arte Popular; Jardim do Ultramar, actual Jardim Tropical – e restauro do Mosteiro dos Jerónimos e da Torre de Belém. A «Exposição do Mundo Português», que decorreu de 23 de Junho de 1940 a 2 de Dezembro de 1940, teve aproximadamente 3 milhões de visitantes, incluindo um número considerável de estrangeiros e de refugiados de guerra. A «Exposição», que celebrou a História, a Cultura-Civilização e o Império Português, foi uma das maiores iniciativas do Estado Novo e de pujante divulgação da Portugalidade-Portugalismo no Mundo.

Como crítica à «Exposição do Mundo Português», fica a visão idílica, idealizada e romantizada, de devaneio do Império Português; fica a omissão dos aspectos negativos do colonialismo, por troca com o mito do «Bom Colonizador»; fica a observação negativa à propaganda do regime-ditadura salazarista.

Para reflexão contemporânea da «Exposição do Mundo Português» de 1940, mais fica: a revisão-reavaliação histórica frontal e de frontalidade do debate sobre o legado colonial *versus* descolonial português; fica o questionamento-crítica da narrativa oficial de Estado e do regime (ditadura) apresentada na «Exposição»; fica a necessidade de assertividade do pensamento político, societal e histórico-militar na abordagem à colonização e à descolonização – com o olhar nacional a buscar o equilíbrio-imparcialidade e com a inclusão do contraditório, da visão ex-colonizada da e na narrativa histórica – fica a preservação da Memória e do Património Histórico, da reinterpretação da factualidade acontecida e das mentalidades, situadas espaço-temporalmente; e fica a discussão de como abordar este período da nossa História sem complexos, culpa e redenção, apenas, só e sempre, a verdade, nos museus, nas escolas, na educação, no ensino da História de Portugal, e do Portugalismo-

Portugalidade não sacralizada mas exorcizada, feita a liturgia (do grego, litourgia, que significa serviço público, trabalho público-missão) do Império de Portugal.

Donde, haver uma teia complexa de significados-significâncias e de realidades factuais a revisitar-revisionar com a «Memória do Império» no Dia de Portugal. O fado, o destino, a saudade, o imaginário português e a nossa História são elementos que reflectem uma relação ambivalente com o passado do Império Colonial Português, misturo-incorporando memória histórica, nostalgia, crítica, acusação-absolvição e mescla-busca por uma nova identidade nacional pós-colonial e em novo contexto, já não de Estado-nação imperial, mas de Estado «federado» integrante da União Europeia (UE), com perda de dominância e (ir)relevância.

Com a realidade europeia contemporânea e a História-Identidade a mostrar os laços culturais, económicos, políticos, linguísticos e civilizacionais de Portugal com a Europa e os países e territórios do ex-Império Colonial Português, nomeadamente através da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa – CPLP –

Vivemos presentemente, ano da graça de 2025, a «História Nacional Europeia», em coexistência com um(a) «História Secular Comum», de desenvolvimento de identidades nacionais próprias dos países das ex-colónias, e com a afirmação da «Identidade Nacional Portuguesa», com Portugal orgulhoso do seu passado e da sua-nossa História, que muito e de tanta e tamanha grandeza é feita e que deu grandes feitos à Europa, ao Mundo e à Humanidade – tornando os Portugueses o desconhecido em conhecido – *ab mundum ignoto ad mundum a Lusitania inventum*.

Do texto do artigo-ensaio, fica a grande família Luso-Camonianiana e o Portugal planetário em introspecção e ressignificação identitária revisitada e revisionada no Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas.

A fechar-validar, ressignificar o facto dos territórios-terras supramencionados, sofrerem impacto cultural e estrutural-mental inalienável da presença e influência portuguesa «hexa secular» (novo conceito): comercialmente, axiologicamente, arquitectonicamente, da *civitas* (cidade, comunidade política), culturalmente, linguisticamente, idiossincrática e identitária, civilizacionalmente, nuns casos de ocupação-contacto temporal temporária, e noutros com presença secular e plurissecular, fruto da diáspora e dialéctica multidimensional histórica assumida da Expansão e Descobrimientos Portugueses que incorporam e encorpam hoje (passado-presente-futuro) a Identidade do ex-Império de Portugal-Mdo. (mundo) e da matriz-padrão do «Portugalismo-Lusitanismo-Portuguesismo».

Em testemunho-memória e celebração-hino do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, celebrado a 10 de Junho, data da morte de Luís de Camões, fruir o sentir do sentimento português. Este dia presta homenagem

a Portugal, aos Portugueses, aos Descobrimentos, ao «Hexa Império Português», à cultura lusófona e à presença portuguesa por todo, e em todo o mundo. É o dia-festa da Identidade Nacional, da Língua Portuguesa, da idiossincrasia-família lusitana, da civilização portuguesa-portugalina e da «Portugalidade-Portugalismo-Lusitanismo» dos Portugueses em comemorações-*vivus* –VIVAS –

Viva Portugal!

Viva a Nação-Povo Português!

Viva a diáspora portuguesa!

Viva a Portugalidade-Portugalismo-Lusitanismo!

Por Amor a Portugal, Portugal merece.

O (ex-) «Hexa Império Português» é digno de orgulho nacional, honra, louvor e homenagem da «Pátria Lusíada» – Pátria-Mãe! – PORTUGAL! –

A História de Portugal é grande, grande, imensa como a imensidão dos mares e oceanos que desbravou e conquistou – o Povo-Herói Português! –

«Bandeira desfraldada ao vento, que nos levas pelo Mundo-afora, o nosso Amor por tudo, o nosso perdão por tudo, o nosso Obrigado-lágrima por tudo – limes ultra horizontem est – o limite é para lá do horizonte» – *lusitanus mundus territorialis* – mundo territorial português – *imperium Portugalliae* – Império de Portugal.

Viva o Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas!

Obrigado Portugal!

Disse.

Professor do Agrupamento de Escolas n.º 1 de Beja.

O autor escreve sem aplicação do novo Acordo Ortográfico.

Carlos Calixto